

LITERATURA ANGOLANA (2010-2020)

A Geração da Insana Idade

Quando este ano cair, passará uma década desde que, a partir de 2010, enquanto muitos jovens andavam distraídos pelo CAN, nas viagens pelo mundo e nas maratonas em leito oral, alguns imberbes vindos do proletariado começaram a pensar na literatura angolana que já ia sem a sagrada esperança e as utopias dos anos 80 do século XX



João Fernando André

Esses jovens quase não herdaram nada, porque quase não houve uma geração de escritores de 90 ou de 2000 na Instituição Literatura Angolana. A maior parte dos jovens dos anos 90 estava a servir na guerra. Dos poucos escritores que os fastidiosos anos 90 deram à Instituição Literatura Angolana temos os casos de Cristóvão Neto, Sapyruka Mukwaxy, David Capelenguela e Pombal Maria.

Do dealbar do novo século (XXI) até 2010, debruçando-nos sobre a literatura em sentido restrito, surgiram outros poucos poetas e prosadores. Tais foram os casos de Abreu Paxe, Nok Nogueira, Ondjaki, Nguimba Ngola, Gociante Patissa e Kardo Bestilo. O grande movimento que nasceu naqueles tempos, o Leva' Arte, seguiu, durante muito tempo, com a máscara de um movimento literário, mas de literário só tinha os versos quilométricos dos seus associados, encontrados na sua colectânea "Palavras" (2007). Como o tempo é um juiz, daqueles anos só se firmaram, qualitativamente, Ondjaki, Nguimba Ngola, Gociante Patissa, Abreu Paxe e Nok Nogueira. Os outros tombaram na literatura de palco. Muitos deles são hoje mestres da palavra dita, aliás, slammers do famigerado Spoken Word. A máscara de movimento literário do tão propalado Leva' Arte e dos seus símiles foi arrancada

com o passar do tempo, fruto dos estudiosos que foram surgindo.

la nua a Literatura Angolana. Apesar da existência dos cinco grandes da Geração 4 de Abril. Quase toda a pista era reservada para os monstros da Geração de 80.

Quantos da Geração de 80 não venderam o discurso niilista da falta de leitura no seio dos jovens aspirantes a escultores da palavra transfigurada nos anos 90 e 2000? Quantos membros da Geração de 80 não julgaram os jovens mesmo não tendo criado oficinas literárias? Quantos escritores da Geração de 80 não disseram que não havia crítica literária e ensaística no seio dos jovens? Quantos autores da Geração de 80, ao invés de acolherem, não cometeram violência simbólica contra os poucos jovens que queriam caminhar na estrada da escrita, chamando-os de insurrectos, vaidosos, arrogantes e ingratos?

O Nazareno exortou: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". De 2010 até aqui, os jovens escritores que vão marcando a sua época foram enchendo as suas cabeças, dialecticamente, com a História da Literatura Angolana, com a teoria da literatura actual e actuante e com os acontecimentos bizarros do mundo, em geral, e de Angola, em particular: fome, seca, guerra, mortes injustas, racismo, pilhagem, tráfico, corrupção, de-

lapidação do erário, desemprego, tecnologia, coronavírus e outros assuntos. Por toda essa carga de entraves da Modernidade Líquida (Zygmunt Bauman), consideramos esses jovens como constituintes da Geração da Insana Idade (2010-2020). Por um lado, ela tem muitos problemas. Assim sendo, são poucos os que terão um lugar ao sol da Instituição Literatura Angolana.

Por outro lado, ela tem muitos meios para ir brilhando. Tem a Paz Efectiva, a facilidade de acesso às informações, a santa Internet e uma sociedade com acontecimentos inéditos. Ora, os que souberem aproveitar esses factos, poderão, com certeza, ser muito bons escritores, como o foram alguns nos séculos XIX, XX e no dealbar do século XXI.

Uma geração com obras

De 2010 até aqui, 2020, a obra da Geração da Insana Idade fala por si:

1. Oito académicos e críticos literários que têm penas afiadas: Hélder Simbad, Hamilton Artes, João Fernando André, Agostinho Gonçalves, Mabanza Kambaka, Domingas Monte, Pedro Mayama, Waxyakulu Francisco (ladeados de mais alguns que vão injectando sangue fresco na veias da Crítica Literária e da Ensaística Angolana, nomeadamente: Destino Ventura, A.C. Khamba, Edmira Cariango, Fernando Dya-

kafunda e outros poucos);

2. Uma poetisa e prefaciadora de mãos cheias: Cíntia Gonçalves;

3. Uma vanguarda inorgânica da Literatura Angolana: o Movimento Litteragris;

4. Mais de oito bons cronistas: Luefe Khayari, David Gaspar, Kaz Mufuma, Kugiza, Dias Neto, Edy Lobo, Cobarde da Silva, aliás, Hélder Simbad, João Fernando André, aliás, Kalunga, Mário-Henda, aliás, Mário Henriques, Sapó Sexy Lee, Pedro Kamorroto, Carlos Maneco e mais um ou outro;

5. Um naipe de poetas que sentem a palavra, de entre eles, Job Sipitali, Zola Vida, Ema Nzadi, Tchivale, Destino Ventura e Gonçalves Handyman, para não citar os filósofos-poetas Mabanza Kambaka, Ybinda Kayambu, aliás, Hélder Simbad, Agostinho Gonçalves, Mangabi e Kalunga ou, de entre outros, os experimentalistas: Musungu Moko, África Sonjamba e A.C. Khamba;

6. Seis contistas de gema: Dias Neto, Ernesto Daniel, Oliver Quitetulo, Lourenço Mussango, Tchivale e Sérgio Fernandes;

7. Um romancista policial: Jeremias Sebastião Manuel;

8. Uma novelista: Stella Constantino;

9. Uma romancista: Luaia Gomes Pereira;

10. Uma revista online sobre artes e cultura: Palavra & Arte;

11. Uma editora de e-books, obras electrónicas: a Edições Handyman;

12. Três editoras de livros em papel verdadeiro: Editora Azul, Asa de Papel e Chela Editora;

13. Prémio António Jacinto: Ybinda Kayambu, Oliver Quitetulo, Ema Nzadi. Prémio Jovens da Banda: Job Sipitali. FEJETEC: Cíntia Gonçalves. Concurso Internacional de Poesia, Contos e Crónicas (Brasil): Kalunga. Prémio Sagrada Esperança: Dias Neto.

14. Crítica da Angolanidade Literária: Hélder Simbad. Crítica dos Sete Períodos da Literatura Angolana segundo Pires Laranjeira, aliás, Pires Laranjeira e a Falácia dos Sete Períodos da Literatura Angolana: João Fernando André;

15. Criação do Programa Online Literatura em 30 dias (Editora Azul).

À guisa de conclusão, esta geração, a Geração da Insana Idade, em verdade vai colocando blocos, tijolos ou adobes sobre "os alicerces do mundo" e do sistema semiótico-literário da Instituição Literatura Angolana, pelo que, os membros dela merecem respeito e os seus "pedaços de pão". A bem da juventude e da Geração da Insana Idade!

* Professor, escritor e membro da Frente Cultural da Língua Portuguesa (Brasil)

CARLOS LAMARTINE

Imbondeiro da canção revolucionária

Autor de algumas das canções mais fortemente evocativas e nostálgicas da música angolana, o veterano Carlos Lamartine protagonizou o último Show do Mês Live, que a TPA levou a ver em casa dos seus telespectadores e continua disponível na Internet. É a música angolana ao mais alto nível

Analtino Santos

Carlos Lamartine, uma das principais vozes do movimento da canção de intervenção, animou mais uma edição do Show do Mês Live. Do seu vasto repertório não faltou a interpretação de “Kimbemba”, tema em homenagem ao Presidente Neto. Um dos temas que mais mexeu com os ânimos nacionalistas no período que precedeu a Independência, “Pala Ku mu Abesa o Muxima” também trouxe a nostalgia aos internautas e telespectadores, assim como “Zuateno Milele la Xikelela”, uma homenagem àqueles que tomaram e não puderam ver o país independente.

Lamartine além de artista é militante do MPLA, movimento para o qual cantou nas refregas ideológicas contra os outros movimentos (FNLA e UNITA), como registado em “Etu Tuana Ngola”, onde afirma que o seu movimento era o “certo”. Estamos a falar dos anos agitados da transição para a Independência. Cantou ainda, naquela fase, “Dipanda Wondo Tula Kia” onde afirma que a Independência está a chegar e agradece a Neto pelo seu empenho. Segundo o autor, esta canção é uma das primeiras de cariz revolucionário, tendo sido gravada três meses depois do 25 de Abril.

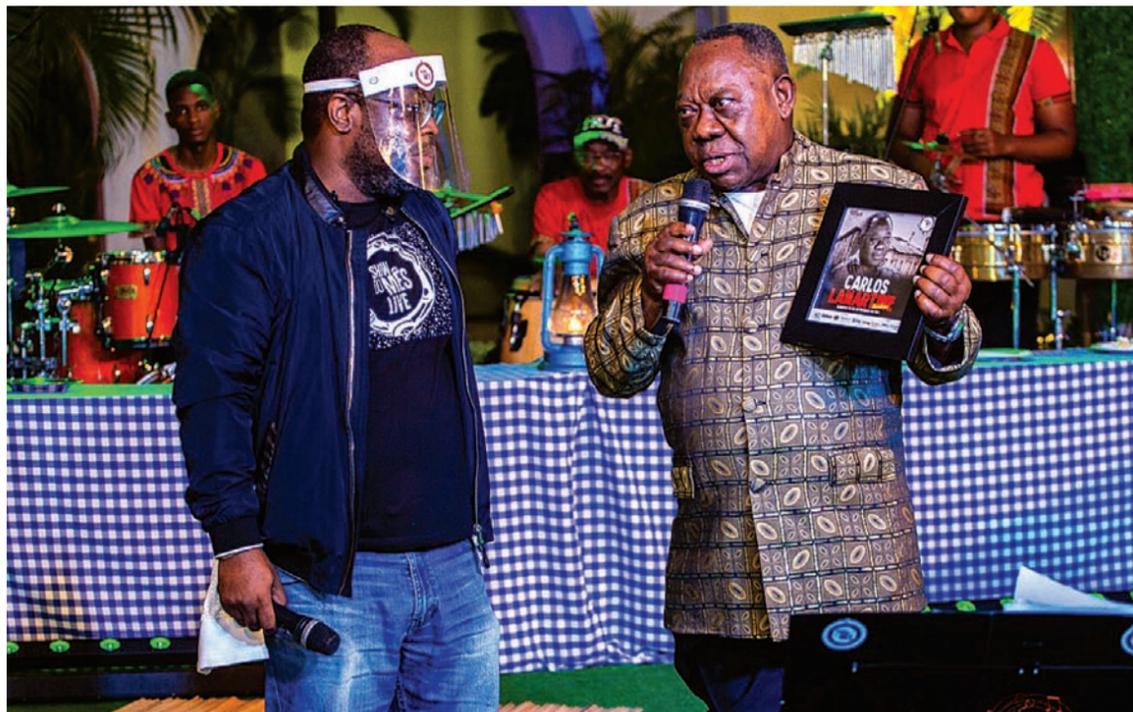
Lamartine abriu o concerto ao som de “Guia para Libertação de África”, uma composição do amigo, poeta e médico Mendonça, que não escapou ao 27 de Maio de 1977. Um outro grande momento foi a encenação do movimento das turmas, numa conversa com Cirineu Bastos e o acompanhamento per-

cussivo do colectivo Kufikisa, jovens do Marçal liderados por Jorge Mulumba. As histórias dos bairros Marçal e Indígena foram contadas por Cireneu Bastos e o próprio Carlos Lamartine. Notável foi a homenagem aos Kissueias, grupo onde Lamartine esteve com Zeca do Marçal e Bonga Kwenda; foram recordadas canções como “Kamakove”, “Ngana”, “Weza Muchala Ngolo Yetu” e “Cidrália”. As duas últimas em clima de Carnaval.

Mais uma vez, Kizua Gourgel conduziu a conversa do painel de comentadores, desta feita composto pelos jornalistas Paulo Miranda Júnior e Raimundo Salvador e o promotor cultural Júlio Silva. Os intervenientes contaram as suas experiências com a música de Lamartine e, num sentido mais amplo, com o movimento cultural.

Man Lamas, como Carlos Lamartine é igualmente chamado, fez questão de interpretar também temas para o público que não viveu a Independência: “Kamui-ne”, “Damba Maria”, “Miguel”, “Kubonga”, “Caravana para Delfina”, e “Nvunda Ku Musseque”, os dois últimos “obrigatórios” para esta geração de apreciadores da obra do músico.

Carlos Lamartine tem um tema em que o coro diz “oh wiri é maka do kayaya” e, de facto, isto aconteceu com a presença do jovem guitarrista Texas, que foi um dos convidados propostos pela produtora Nova Energia. Chamado para tocar dois instrumentais concebidos pelo artista do Show do Mês Live, Texas não apenas reproduziu os solos eternizados por Marito e Brando como deixou a



marca da sua própria malha. Em “Memórias de Lamartine”, o asobio de Lamartine dedilhado por Marito dos Kiezoes ficou registado no grande diálogo geracional do jovem guitarrista com o agora Dr. Teddy Nsingui. Em “Bassooka”, o grito lançado em 1975 para animar os guerrilheiros, Texas mostrou toda a sua genialidade e ajudou a fazer a festa. Texas, assim como Carlos Lamartine, é natural de Benguela, cidade que musicalmente ainda esteve presente nos temas “Comprei um Casaco”, do compositor Joaquim Cordeiro e “O Ka Si Tchiwa”. Ambos são interpretações em Umbundu.

Participação de Prado Paim

Outro convidado de Lamartine foi Prado Paim, o artista que em 1975 recebeu o disco de ouro pela CDA. O ex-craque de futebol nos campos do Sambizanga mostrou que ainda é craque nos palcos. Com a sua marca, microfone no tripé, fruto da influência do que ouvia nas músicas do Congo e da pompa do seu tempo de juventude, Prado Paim também é conhecido por Papá Bolingó. O velho músico passou sucessos seus como “Engrácia”, “Nzenze” e “Bartolomeu”.

A propósito de “Bartolomeu” um jornalista confidenciou o

seguinte: “Senti a força desta música no aeroporto da então cidade de Nova Lisboa, em 1974-75, quando Savimbi chegou e todos dançavam essa música”. Ao que Prado Paim respondeu:

“É possível, porque na altura o single ‘Bartolomeu’ era o mais vendido, mas, mesmo assim, não aceitei gravar um Long Play. Joãozinho Morgado, Carlitos Vieira Dias, Zé Keno, Zeca Tirilene e outros dos Meringues tocaram a música. ‘Bartolomeu’ é uma homenagem ao meu amigo que morreu. Fiz a música no cemitério, no momento do funeral”.



LIVE NO KUBICO

Ntunda Nzola, Cangato e Chetekela fazem público mergulhar na tradição

No passado domingo, no chamado “Palco da Diversidade Rítmica” ou “Ao Vivo no Kubico”, os ritmos da ancestralidade dos grupos provenientes de Cabinda, Namibe e Lunda-Norte provaram que é real a revolução musical que agora está a invadir os ecrãs da televisão, com a parceria TPA/Platinaline. Cangato, Ntunda Nzola e Chetekela “pipocaram” a tarde fazendo dançar quer cidadãos anónimos, quer figuras públicas

Analtino Santos

Depois de ter sido convidado para a edição do Carnaval de Luanda em 2016, na sua versão banda, os Ntunda Nzola voltaram a encantar o país. Com o seu ritmo principal, o Kintwene, fizeram recurso aos seus principais sucessos “Mayombe Ngombe”, “Dr Mayuya”, “Talanga Bana”, “Keni Mundiutulo” “Bala Kumbala”, “Batslele Kubi Tsiami”, “Bissina”, “Kinvuele” e outros, interpretados pelos vocalistas Mambueni, Massota, Manabela e Afonso. O grupo apresentou temas dos álbuns “Ku Maiombe”, “Mbazu Bisuka” e “Buissi ku Makia”.

Os Ntunda Nzola fizeram recurso tanto a instrumentos típicos dos Ibindas como aos mais convencionais. Foram fiéis representantes de Cabinda, com a sua música a casar-se muito bem com a dança.

A presença do grupo resultou de um esforço do Governo Provincial de Cabinda, que foi determinante para a organização deste Live no Kubico, cujos promotores foram pressionados a trazer o ritmo da província mais a Norte.

Cangato, o ex-futebolista

Do Namibe veio uma das principais figuras da música local, Cangato, que reforçou a intenção da diversidade e da pluralidade rítmica nacional. Cangato antes de brilhar nos palcos deu alegrias ao público nos campos de futebol, tendo envergado a camisola do Petro de Luanda.

A participação musical do Namibe no Live no Kubico, tal como a de Cabinda, não foi apenas musical. A gastronomia e outras manifestações culturais ajudaram a colorir o cenário do Live.

Cangato apresentou-se com a banda de suporte de Chetekela e com um formato, mais reduzido, das cerimónias dos Mucubais. As palmas, a percussão e alguns toques do Ngolo, que segundo pesquisadores está na génese da Capoeira, marcaram a actuação original de Cangato na interpretação dos temas “Ndombeshow”, “Eolindow” e “Kamamico”.

O artista também fez incursão no Semba. Do seu repertório o destaque foi para “Namibe”, “Sofia Rosa”, “Eme Kimguejiami”, “Ndonoro Danuma”, “Juju” e “Sa-

mungari”. Por outro lado, a presença do grupo carnavalesco Santa Rita mostrou a força do Carnaval do Namibe com os temas “Foca Fofinha” e “Recordar é Viver”.

A actuação de Cangato foi a prova de que no Namibe existe um oásis musical. Ele mexeu com os Kimbaris em Angola e no exterior.

Chetekela: dupla pertença

Das três propostas do Live no Kubico Chetekela foi o único que não atravessou as barreiras sanitárias impostas pelas autoridades. O artista, que representou a Lunda-Norte, abriu o concerto mostrando a forte influência que tem do Congo Democrático, com uma performance à Fally Pupa e Ferry Gola, com o tema “Superação”. Fez ainda alguns covers da sua actuação como Gato Rivers no Estrelas ao Palco.

Interessante foi a sua incursão ao ritmo Mutuaji, que tem na congoleza Tshala Mwana uma das principais referências. Com esse estilo o músico revelou a sua costela Baluba, grupo étnico transfronteiriço angolano/congolês-democrático. Depois de temas autorais como “Adrenalina do Amor”, “Obrigado Mãe”, “Wsona”, “Pho wa Kalunda”, “Kima Kimoshi” e “Kasemumuna”, dentre outros, o músico chamou ao palco Sandra Nhakatolo, com quem partilhou a interpretação do tema “Nha Tshissola”, um momento de Cianda e de exaltação aos valores culturais do Leste.

Chetekela ainda deu o seu “toque” em “Namuleleno”, Cianda que saiu da Mukanda e hoje é dos principais temas representativos do estilo trazido à ribalta da modernidade pelo grupo Sagrada Esperança, uma das formações musicais originárias da Lunda-Norte que mais brilhou no panorama nacional.

Os últimos Live do Kubico, com as suas incursões na musicalidade tradicional das várias regiões do país e o manifesto sucesso no seio dos telespectadores e internautas, fazem pensar que os angolanos estão a despertar e a regressar, na esteira do poema de Agostinho Neto “Havemos de Voltar”, à apreciação dos sons dos batuques, das marimbas e de outros “cheiros” sonoros angolanos de raiz.





HÉLDER COELHO (VUTY)

PILOTO DE MOTOCROSS

“O meu sonho é criar uma escola para motociclistas”

No primeiro contacto percebemos logo que Vuty detesta dar entrevistas, e que não gosta que lhe escrutinem a vida pessoal. Ele é das maiores referências do motociclismo de Angola. Tudo o que conquistou foi por mérito próprio. Hélder Coelho “Vuty”, 44 anos, é um homem do motociclismo, com uma cultura de trabalho apertada. É isto que o move. Durante a tarde em que decorreu a nossa conversa manteve-se sempre ligado, nunca parou de trabalhar. Dois telemóveis no silêncio, pousados por cima da mesa, vão-lhe dando conta do que se está a passar. Na sala de reuniões da empresa transportadora de cargas, transitária e operadora de terminais portuários e aeroportuários – Unicargas – as marcas de óleo, fruto do trabalho que faz, são visíveis nas mãos de Vuty. No que toca a motorizadas, Vuty está como peixe na água. Dentro e fora da pista, mantém o foco de um atleta que sabe o seu valor. O caderno Fim-de-Semana conversou com ele sobre a sua carreira, a sua chegada ao motociclismo e os seus sonhos

Ferraz Neto

Fale-nos um pouco de si, sobre a sua história. Quem é o Hélder Coelho “Vuty” dentro e fora das pistas?

Estou registado com o nome completo de Hélder Walviuty Dias Rodrigues Coelho. O Vuty descende do nome Walviuty, que segundo a minha madrinha é um nome de origem russa, mas que não sei o seu significado. Na verdade, o meu nome de registo levaria Walviuty Quevela, mas na hora do registo recusaram. Sou natural de Luanda, mais concretamente do Bairro das Ingombotas. Curiosamente, nasci a 500 metros da maior maternidade do país, Lucrécia Paim, mas infelizmente não nasci numa maternidade. Nasci em casa, por mais estranho que pareça. Nasci no dia 19 de Setembro de 1976, quer dizer que no próximo sábado (ontem) celebrarei 44 anos de idade.

Diz-se que aos 9 anos de idade Vuty já era um admirador de motos. O que é que uma criança com esta idade sente, quando isso acontece?

Curiosamente, poucas pessoas sabem que antes das motorizadas fui admirador

de camiões. Desde pequeno que adoro camiões. Comecei a conduzir o camião N10 da marca Volvo aos 9 anos de idade, do meu pai. Ele era vendedor de areia. Nos tempos livres dedicamo-nos a trabalhos agrícolas na quinta familiar, localizada na zona da Funda - Cacucaco. Recordo que por ser pequeno, na altura, para tocar nos pedais da embraiagem e no travão socorria-me de uma lata de leite Nido. Todas as vezes que a Lagoa da Kilunda inundasse ou ameaçasse estragar a plantação, tínhamos que nos juntar e ajudar o pai a estancar a fúria da água com terra, para impedir que a água transbordasse até ao cultivo. Foi nestas circunstâncias que fui tendo contacto directo com carros pesados como camiões e tractores. Recordo-me de passar o dia em cima do tractor, a manusear terra para frente e para trás. Por isso, a minha grande paixão no início eram camiões e tractores.

Quando foi que teve contacto pela primeira vez com uma motorizada?

Curiosamente entrei para o mundo das motorizadas por conta de um vizinho, o Vadinho Queimado. Foi por conta deste e do João Serrador



“É necessário ensinarmos os elementos básicos da condução defensiva, os cuidados a ter na estrada”

que abracei o mundo das motorizadas. Sempre tive uma especial admiração pelo João Serrador, por ele ser o único, na época, que conseguia parar no semáforo com a roda dianteira no ar, sem tocar os pés no chão. Infelizmente as motorizadas que eles conduziam já eram caras. Como não tinha recursos financeiros decidi alugar motos. Várias vezes fui ao mercado do Roque Santeiro, onde para andar de moto durante 15 a 20 minutos tinha de pagar. Falo de motos de marca Zundap e outras que já não existem. O Vadinho Queimado viu em mim talento e decidiu apostar. Levou-me a fazer teste no circuito localizado na conhecida Rotunda do Gamek, no local onde está hoje o Nosso Centro e o edi-

fício da seguradora AAA. Infelizmente, não fui aceite nos testes, por haver na época uma selecção rigorosa. Inconformado com a realidade, o Vadinho Queimado pediu emprestada uma motorizada de um amigo. Era uma DT. Competi num teste ao lado de corredores profissionais. Recordo-me de ter tido uma queda aparatosa e um dos melhores tempos, para surpresa de todos.

O que é que mais o motivou nesta modalidade?

Olha, foi o facto de um dos senhores do motociclismo em Angola ter confiado em mim. Falo do senhor Roberto Talaia, que me cedeu uma motorizada da marca Kawasaki. Havia muitas equipas na altura e eu não estava integrado em nenhuma delas. Comecei a competir com uma motorizada de 50 centímetros cúbicos e depois passei para outra categoria. Fomos a Benguela, numa competição que juntava os melhores nomes do motociclismo de Angola. Falo de Bianchi, Vitor Santos (Vitó), Talaia, Mancha, Adão Costa, entre outros nomes. Curiosamente, corri e consegui o quinto lugar no meio daqueles corredores poderosos. Foi um

marco na minha jovem carreira. Nunca mais parei.

É dos primeiros angolanos a chegar à elite do motociclismo. Como se consegue alcançar este patamar? Quantos troféus ganhou?

Na verdade perdi a conta de quantos títulos tenho na minha galeria. Na altura em que comecei a correr, não havia campeonatos e as competições eram organizadas por instituições do Estado ou privadas. O importante nessa época era vencer o troféu e mais nada. Os prémios eram aliciantes. Falo de prémios como fogão, geleiras e televisores a cores. Como os meus pais não me apoiavam, por ser uma modalidade de risco e por não agregar valor, o meu desafio era levar para casa um prémio, para mostrar aos meus pais que o desporto dava-me algum benefício.

Quantos anos de motociclismo acumulou?

É um caminho longo. Foram aproximadamente 28 anos de motociclismo, com competições dentro e fora do país. Lembro-me que a minha primeira corrida fora de Angola realizou-se em Portugal, numa equipa da Endur,

onde tive como colegas Miguel Falajota e Bianque Prata, que actualmente está ligado ao Rally Paris-Dakar. Foi uma experiência muito boa.

Numa entrevista recente, você disse que já não competiria. que deixaria de correr profissionalmente...

É verdade. Como profissional já me afastei por causa da idade e das responsabilidades acrescidas que tenho vindo a granjear nos últimos anos. Estou formado em Electricidade pelo Instituto Médio Industrial de Luanda (IMIL) e estou a tentar meter em prática a minha formação académica. Também fiz o segundo ciclo de Mecânica Geral pelo IMIL. Estas valências fizeram-me pensar em apostar nas duas áreas.



“No dia-a-dia sinto receio de permitir que eles façam uso de motorizadas. A nossa realidade requer de mim muitos cuidados”



O que impede a materialização deste projecto?

Falta de espaço. Falo de instalações apropriadas para aulas teóricas e práticas. Já tenho contactos avançados com a Escola de Condução Académica, para que o projecto seja materializado. Foi acordado que eles ficariam com a parte teórica e a mim competiria as aulas práticas. Outra das questões é a localização da mesma. Estamos a pensar em atingir todos os municípios de Luanda e os menos desfavorecidos. Seriam ministradas aulas intensivas durante 15 a 30 dias. Os preços seriam módicos, visando atender o maior número de clientes. A escola teria também aulas de desportos radicais e tudo mais. A esperança é a última a morrer.

Pouco disse sobre os seus pais e irmãos...

O meu pai é uma referência na zona da Funda, em Cacuco. Chama-se Fernando da Conceição Rodrigues Coelho, mais conhecido por kota Coelho da Funda. Não há quem não o conheça. Na zona do Retiro da Letra todos conhecem o meu pai. A minha mãe é a dona Maria de Jesus Afonso Dias Rodrigues Coelho, técnica de laboratório de análises clínicas. Trabalhou durante décadas nos hospitais Josina Machel e Américo Boavida. São pessoas humildes, camponesas e me orgulho bastante deles. Sou o terceiro filho no seio de quatro irmãos. O primogénito é o Carlos, engenheiro mecânico. Segue uma menina formada em Relações Internacionais e a caçula que é engenheira de petróleos. Repare que sou o único que não tem formação superior.



PERFIL

NOME

Hélder Walviuty
Dias Rodrigues
Coelho.

Data de nascimento

19 de Setembro de 1976.

Filiação

Fernando da
Conceição
Rodrigues Coelho e
Maria de Jesus
Afonso Dias
Rodrigues Coelho.

Estado civil

Casado há 19 anos.

Ocupação

Responsável pelo
Departamento de
Mecânica-Geral da
Unicargas.

Sabe cozinhar?

Sei. O que mais faço na cozinha são doces, bolos de cenoura e de laranja sei fazer perfeitamente.

Onde passa as férias?

Joanesburgo - África do Sul.

Cidades preferidas?

Joanesburgo e Luanda.

“Foi sempre um desafio para mim pegar na motorizada e andar pelas ruas de Luanda”

Mesmo assim, não abduquei, na totalidade, do motociclismo. Faço rally e outras modalidades por gosto, para incentivar os mais jovens.

Está vinculado actualmente à Unicargas. Qual é a sua tarefa nesta empresa vocacionada ao transporte de cargas?

Estou lá há dois anos como efectivo. Entrei como técnico especialista de manutenção do Departamento de Engenharia e Manutenção. Actualmente sou o responsável pelo Departamento de Mecânica-Geral. Tem sido um desafio tal que vocês não têm noção da dimensão do pessoal ligado à minha área. Falo de um universo de 115 técnicos, só nesta área, desde mecânicos, serralheiros, pintores, bate-chapas, electricistas-auto... A nossa responsabilidade é manter o funcionamento dos meios. Muitos deles já são antigos e manter a frota operacional em todo o país é o nosso desafio. Outrossim, é reactivar os activos que a Unicargas tem em delegações como Cabinda, Luau (Moxico) e Benguela.

Hélder Coelho “Vuty” também está ligado à formação de polícias. Falo, concretamente, no domínio da Brigada Motorizada....

Sim, tive a felicidade de ser um dos pilotos chamados para dar aulas na área do motociclismo. Na verdade, isso começou em 2005-2006. Tudo começou a convite do ex-comandante-geral Ekui-kui. Como conhecia bem o nosso trabalho e porque, por várias vezes, fomos chamados a dar suporte em termos

de conhecimento, fui convidado a participar da formação de policiais, visando dar resposta ao combate à criminalidade. Abracei esta causa. Inicialmente abracei o desafio sozinho, mas depois tive que convidar outros colegas da área. Comecei por participar na formação de 200 efectivos, mas depois subiu para 500, então houve necessidade de partilhar a experiência com outros colegas. Falo do Bruno Ouro, Miguel Ângelo e Djamir Madaleno. Trabalhava para o grupo Valentim Amões, na época em que fui seleccionado para fazer parte da reintegração de ex-militares que estavam localizados nas regiões de Mavinga, Menongue e Luanda. Fui o coordenador desta missão e a cumpro com zelo. Tenho continuado e, muito recentemente, terminámos uma formação de 120 efectivos, que devem sair nos próximos dias.

Qual é o segredo para ser um bom piloto de motocross e de automobilismo?

Não aderir ao álcool e não perder noites desnecessariamente. Elimine discotecas, festas e convívios nocturnos. Dedicar-se aos estudos e fazer pesquisas frequentes sobre o mundo do motocross e do automobilismo. Outro dos segredos é ser rigoroso na dieta alimentar. Temos que comer muita fruta e legumes. Não consumir drogas.

Nota-se uma letargia do motocross e do automobilismo em Angola...

É verdade. É um trabalho difícil, mas não é impossível de ser feito. É necessário que haja pessoas que acreditem neste desporto, como o Fernando Varela acreditou. Foi ele que depois de 1975 conseguiu trazer de volta o motocross a Angola. Recordo que quando tínhamos competição com a participação de pilotos estrangeiros, as competições da Federação Angolana de Futebol não registavam público nenhum. Lembro-me que houve um

jogo Petro de Luanda-1º de Agosto, na Cidadela, que não teve público. Tudo porque havia uma corrida internacional onde o Vuty e o Georginho teriam que defender o título. Teve de haver consenso para a realização da corrida. Com o surgimento da Federação de Desportos Motorizados julgo que as condições estão criadas para o impulso à modalidade.

“Comecei a conduzir o camião N10 da marca Volvo aos 9 anos de idade, do meu pai. Ele era vendedor de areia”

Tem quatro filhos... Nenhum deles ainda demonstrou o bichinho por motorizadas?

São os mais novos que mostram essa apetência. Na verdade, não tenho sido um grande incentivador, por ter medo. Preocupo-me muito com a formação de cada um deles, para que possam estar preparados a enfrentar os desafios da vida. No dia-a-dia sinto receio de permitir que eles façam uso de motorizadas. A nossa realidade requer de mim muitos cuidados. Até hoje desloco-me de motorizada para o serviço e para casa. Foi sempre um desafio para mim pegar na motorizada e andar pelas ruas de Luanda.

Quais são os seus planos para o futuro?

Um dos meus sonhos, que não quero deixar morrer, é a abertura de uma instituição de ensino que possa ajudar a juventude na condução de uma motorizada. Algumas vezes rejeitaram-me e outras até desacreditaram o projecto. Mais de 90 por cento dos motociclistas do país



JOAQUIM DINIZ, O “BRINCA N’AREIA”**Estrela cintilante
num quintal do Cassenda**

Olhei para o astro como se estivesse a ver um homem que saiu dos recortes de jornal. Diniz. Homem simples, de trato fácil e de poucas palavras. Trocamos algumas falas. A minha admiração não me permitiu o habitual chá de boca



Pombal Maria

Há cerca de meia década abandonei o bairro que me viu crescer, o Neves Bendinha. No Cassenda, encontrei a sombra de outro tecto junto ao Aeroposto Internacional, com vista ao mar, mais próximo a lua, no último andar de um “arranha-céus” dos anos setenta, no tempo de outra senhora.

Com vizinhos mais ou menos breves, inquilinos de curta duração, uns com nariz empinado e outros até muito bem educados, fui-me adaptando aos olhares ambíguos da adulta juventude ociosa. Estrangeiro autóctone, uns confundem-me com maliano e outros com senegalês. Mas eu, de pedra e cal, sempre como os Nhaneca-Humbi, Bangalas, Hereros, Mucubais, Khoi-Sane

outros povos da terra no centro dos meus batimentos cardíacos, ainda ao ralenti.

Nesta mudança, o que mais me marcou foi o meu encontro com um astro do futebol angolano, também residente no Cassenda. Uma velha lenda do futebol. Não foi necessário olhar para o céu. Certo dia, há quatro ou cinco anos, ainda pouco ambientado com o eco madrugador dos automóveis, da música ensurdecedora, dos bêbados e cães vadios, precisei, à mesa, do alimento mais sagrado do mundo, feito de farinha de trigo, fermento, sal e água. Tornou-se necessário descobrir os pontos de venda.

Como peregrino fui atravessando largos, ruas, à procura do pão. Passei pelo famoso beco do Xixi, uma das saídas da Rua 3 para a

Rua 8. Aportei na pastelaria Belinha, adaptada no quintal de uma velha vivenda do tempo colonial. O sol estava na linha do horizonte. Os postes de iluminação pública apagados, mas acesos no meu imaginário. Muito gentil, um homem da idade de Cristo abriu a porta. Acompanhou-me até ao quintal oposto ao da entrada. No espaço bem organizado, com uma luz tênue, estava um homem sentado de costas para mim, camisa alva e uma banheira de pão entre as pernas abertas como uma parturiente no Augusto Ngangula. Em Angola, as grandes estrelas encontramos na terra e não no céu. Uma cordial saudação nos aproximou. O rosto do homem sentado era-me familiar, já o tinha visto algures. Comprei o pão. Coloquei no



“Na porta de saída para a rua o meu coração palpitou, senti ter visto uma estrela naquele quintal. Fixei o olhar no rosto do senhor que me acompanhava à porta. Tímido, já me estava a mostrar os olhos da rua. Perguntei-lhe se o homem que me atendeu era, de facto, o Joaquim António Diniz

saco. Na porta de saída para a rua o meu coração palpitou, senti ter visto uma estrela naquele quintal. Fixei o olhar no rosto do senhor que me acompanhava à porta. Tími-

do, já me estava a mostrar os olhos da rua. Perguntei-lhe se o homem que me atendeu era, de facto, o Joaquim António Diniz. Para meu espanto, ele rapidamente concordou, abanando a cabeça.

“É ele mesmo, o senhor Diniz”, disse. Até hoje ainda sinto o eco daquela resposta. Meu Deus, senti que o camarada não conhecia bem a dimensão da estrela. Uma grande estrela do futebol angolano naquele modesto quintal de betão armado.

Sei que não havia caído do céu naquele momento. Fiquei boquiaberto. Era justamente o homem que me fez correr às bilheteiras, me fez gritar loucamente no estádio da Cidadela, era a grande lenda do futebol angolano. Eu estava diante do meu ídolo do futebol. Esqueci o pão.

Para os meus botões, murmurei como as águas da lagoa em pleno cacimbo: “Ele foi o melhor jogador da minicopa de 1972, uma lenda do futebol mundial”... Meus pulmões encheram-se de orgulho. Voltei a entrar na vivenda, o homem olhou

para mim boquiaberto. Ofereci um forte abraço ao grande Joaquim Diniz, ou simplesmente o “Brinca n’Areia”. Doces lágrimas secas saíram dos meus olhos. Encontrei um dos grandes orgulhos de ser angolano. Dei dois passos à rectaguarda. Desenfastei. Olhei para o astro como se estivesse a ver um homem que saiu dos recortes de jornal. Diniz. Homem simples, de trato fácil e de poucas palavras. Trocamos algumas falas. A minha admiração não me permitiu o habitual chá de boca.

“Nesta mudança, o que mais me marcou foi o meu encontro com um astro do futebol angolano, também residente no Cassenda”

Trajectória fantástica

Na verdade, eu vi, pela primeira vez, o Diniz jogar no histórico jogo Angola/Cuba, no Estádio da Cidadela, no ano de 1977, na presença de 50 mil almas, entre as quais militares cubanos, exímios maneiradores de canhões. Depois voltei-o a ver com a camisola do Clube Desportivo 1º de Agosto. Estava eu na idade de entrar nos ritos de iniciação masculina. Pena é que já não estava no seio da tribo Nhaneca. Não ouvia mais o mujir do boi sagrado.

No ano da Revolução dos Cravos em Portugal, a minha família voltou para a terra da Kianda, vinda de Sá da Bandeira. O meu velho, que Deus o tenha, era o enfermeiro querido dos Nhaneca na terra de Kundi Paihama.

Na altura, Angola preparava-se para abandonar a longa noite colonial. No bairro Neves Bendinha outros filhos de antigos trabalhadores da administração colonial começavam também a voltar às origens. Com a Dipanda, abria-se a janela de oportunidades para os angolanos voltarem a viver livremente na sua própria terra. Jeremias, companheiro das barrocas, irmão mais velho de outro João Lourenço, não se cansava de falar dos craques do futebol angolano. O “Brinca n’Areia” morava já na sua boca.

Fomos adeptos dos mesmos clubes, fãs dos mes-

mos jogadores. Seguíamos as pegadas de Diniz. Não é ao acaso que hoje ainda torcemos pelo Sporting Club de Portugal e pelo Clube Militar em Angola. No Escola do Zangado e no ASA, clubes onde man’Dinas também brilhou, não o pudemos ver: acabávamos de chegar do Céu, no bico da cegonha.

Havia histórias impressionantes sobre os clubes da época e seus jogadores, estórias com o sabor dos mitos da nossa terra. Dizia-se que o Escola do Zangado jogava de preto, cor da noite sem estrelas, porque havia morrido alguém afecto ao clube... A cor preta passou então a pintar o clube.



“Ele foi o melhor jogador da mini-copa de 1972, uma lenda do futebol mundial”... Meus pulmões encheram-se de orgulho. Voltei a entrar na vivenda, o homem olhou para mim boquiaberto”



História que fez morada

Mas a história que andou de boca em boca e fez morada na mente de muito boa gente, foi a da forma como a nossa grande estrela do futebol foi parar aos Leões de Alvalade. Homens com olhar de água desceram da Tuga para o observar. Chegaram num fim-de-semana. Havia trumuno rijo no campo do São Paulo, debaixo de uma tempestade amiga. Diniz não fazia parte da partida.

A pedido dos olheiros lusos, o homem foi “caçado” e colocado em campo. A sua equipa estava a perder por uma bola a zero. Em menos de trinta minutos o “Brinca n’Areia” fez gosto ao pé, sacudiu duas vezes as redes da baliza adversária com dois disparos e virou o próprio placar. A plateia adversária ficou muda. Joaquim Diniz estava contratado para

jogar futebol na Europa.

O ano de 1972 foi o auge da sua carreira, sobretudo na Mini-Copa, onde mostrou os seus dotes e foi considerado o melhor jogador. Tinha na mesa um contrato para vestir a camisola do Flamengo do Brasil. Mas acontece a Revolução dos Cravos na terra de Eça de Queirós, Angola prepara-se para conquistar a independência nacional, o craque decide então rejeitar fabulosos contratos para, por amor à Pátria, voltar à terra que ouviu o seu primeiro choro de bebé. Na época, Diniz era adorado pelos amantes do futebol, havia músicas populares em sua homenagem. Ao atravessar as ruas, ouvíamos os kotas cantando: “Man Din... meu colega Man Din...” Outra canção, mais popular, dizia: “Brinca n’Areia / N’Areia/Brinca n’Areia/N’A-



reia”. Muitos políticos de hoje, homens podres de dinheiro, corriam para o ver jogar, cantavam “Diniz Brinca n’Areia”. Quando Angola se apurou para o Mundial da Alemanha, em 2006, uma equipa da FIFA veio a Angola conhecer as nossas estruturas desportivas, se havia capim ou relvado

nos campos, se havia bancadas ou pedras improvisadas nos estádios.

No aeroporto 4 de Fevereiro o lendário Franz Beckenbauer assustou-se ao ver que Joaquim Diniz, a grande lenda do futebol angolano e mundial, não se fazia presente. De imediato perguntou onde

estava o Diniz. Certamente deveria estar na Rua 8 do Cassenda, provavelmente a ajudar na venda do pão. Não passara pela cabeça de nenhum sábio da FAF que a presença do craque angolano seria marcante para a estrela mundial Franz Beckenbauer. Nada mais foi dito

sobre o assunto. Acredito que ele terá visto o Diniz nos dias seguintes. Por portas e travessas ouvimos que o craque está ou esteve doente, com problemas no joelho. “Brinca n’Areia / N’Areia / Brinca n’Areia / N’Areia...” Oxalá Man Dinaz esteja bem de saúde.

LITERACIA FINANCEIRA

Apostar na boa gestão das finanças pessoais

Gurus das finanças pessoais ensinam, como caminho para a independência financeira, negociar as dívidas, cortar os gastos supérfluos, estabelecer metas e anotar todos os gastos diariamente. O cidadão passa a viver, assim, uma vida de paz e qualidade, com o controlo das suas finanças



Tânia J.A. Costa /*

De repente, nos deparamos com mudanças drásticas na economia global e não existe mais a expressão “estabilidade financeira”. Vivenciamos tempos de contínuas mudanças e resta-nos apenas sobreviver com as ferramentas adequadas.

Indubitavelmente, podemos dizer que a educação financeira, embora seja um tema à primeira vista pouco atractivo, é a chave para uma economia saudável e o desenvolvimento das sociedades do século XXI. A educação financeira, muitas vezes distorcida, já faz parte do nosso quotidiano, seja no nosso orçamento, na gestão familiar, nas poupanças, nos investimentos, nos créditos... Todos os dias deparamo-nos com mil e uma maneiras de despendir dinheiro (bufunfa).

Os temas do sector financeiro, como a bolsa de valores, títulos de tesouro, depósitos a prazo, comissões bancárias e outros conceitos de elevado grau de complexidade, ganharam destaque entre nós. No entanto, fica



“A partir de 2022 o Governo angolano incluirá no sistema de ensino a disciplina de Introdução de conteúdos sobre educação financeira” (Portal do MINFIN 2020)

ainda difícil perceber até que ponto cada um de nós entende o que está a ser dito.

Mas ter uma boa relação com o dinheiro está próximo de ser uma realidade no seio dos angolanos, sendo que, a partir de 2022, o Governo angolano incluirá no sistema de ensino a disciplina de “Introdução de conteúdos sobre educação financeira” (Portal do MINFIN 2020). Isso é uma mais valia e um passo crucial para uma sociedade desenvolvida.

Aprender sobre educação financeira é uma necessidade

transversal a todas as idades, mas, quanto mais cedo se começar melhor. Como diz o ditado, “é de pequenino que se torce o pepino”. Começar mais cedo será um auxílio às gerações futuras, no desenvolvimento de comportamentos e atitudes racionais face às questões económicas e financeiras.

O ensino das bases financeiras adequadas na idade escolar permitirá dar às nossas crianças e jovens ferramentas úteis, que irão desenvolver ao longo da sua vida, contribuindo para que sejam cidadãos mais informados e conscientes das oportunidades e riscos financeiros.

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) educação financeira é “o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros”. Noutras palavras, é a habilidade para entender como o dinheiro funciona, a arte de dominar o dinheiro e usá-lo em favor próprio com segurança, para aproveitar a vida com menos preocupa-

ções e ter uma reforma feliz sem contar apenas com o INSS e a ajuda de familiares. Não se trata apenas de um processo de economizar, cortar gastos, poupar, investir, empreender ou de quanto você tem na conta, mas do uso que você faz do que tem.

Para tal, na educação financeira encontramos subtemas e ferramentas que visam ajudar o cidadão a desenvolver um equilíbrio financeiro diário e a usar o seu dinheiro com a devida parcimónia. Muitos escritores de educação financeira afirmam que, com a mentalidade e os hábitos certos, aos poucos o cidadão pode organizar o seu orçamento e começar a construir a sua segurança financeira sem ser controlado pelo dinheiro, como acontece em muitos casos, em que as pessoas trabalham apenas para honrar compromissos mensais como o pagamento da renda, telefone, água, electricidade, gás e supermercado.

É necessário, primeiro, revermos os nossos conceitos de maturidade e responsabilidade entre “necessitar” e “querer”, e, de igual modo,

aplicar e praticar os conceitos, sendo que de nada valem os conhecimentos adquiridos se não forem postos em prática. E com dinheiro não é diferente.

Segundo, cada um deve auto-capacitar-se sobre finanças pessoais. Para isso não precisamos de um diploma em Economia. Na Internet podemos encontrar, gratuitamente, conteúdos, palestras, e workshops que focam no tema. Concomitantemente, já existem angolanos mentores em finanças pessoais que dominam a matéria de acordo com a nossa realidade e, muitas vezes, os mesmos costumam ministrar aulas gratuitas sobre o assunto.

Por conseguinte, de acordo com algumas metodologias ensinadas pelos gurus de finanças pessoais, deve-se tomar medidas como, por exemplo, negociar as dívidas; cortar gastos supérfluos; estabelecer metas e objectivos e, por último, anotar todos os gastos diariamente para saber, com clareza, onde se gasta mais e, dessa maneira, poder fazer cortes e adaptações sempre que for necessário. Em



“O dinheiro deve deixar de ser preocupação para ser parte de um relacionamento com o único objectivo de atingir o bem-estar e a independência financeira”

vista disso, aplicando o acima exposto, não importando o tamanho do salário ou a classe social, o dinheiro deixa de ser preocupação e passa a ser parte de um relacionamento com o único objectivo de atingir o bem-estar e a independência financeira. O cidadão passa a viver uma vida de paz e qualidade, tendo o controlo das suas finanças pessoais.

* Consultora de Carreira e Negócios